

Luís Quintais

O VIDRO

poesia

ASSÍRIO & ALVIM

Indomáveis padrões fazem precipitar
espectros do que és,

presenças sem significação que tu irás
afastar com gesto hábil.

Mas hoje consentes substância,
movimento e palavra às iradas margens

que assinalam a tua passagem,
monólitos e sombras onde não haverá

certamente abrigo.
Quem gritará à tua passagem?

Estradas ficaram para trás?
Sim, ficaram, mas tu olhas em diante,

demoves o cerco dessa opacidade-para-trás
e nítidas se tornam as visões do que não terá lugar.

A memória sobrevém, sobrevém
o seu repulsivo culto, e o que foste

recompõe-se em imagens onde os extintos
cedem lugar a perfeitas criaturas adaptadas,

ou quase perfeitas, não fosse este tempo,
todo o tempo, avesso aos adeptos da perfeição.

Entretém-te por entre insónia e lençol,
plasma e sudário. Regressa por instantes

a sortilégios e espaços consagrados
pela lucidez sem espanto da noite secular.

Brincava sobre o muro. Tinha carrinhos, pedrinhas, pensamentos obscurecidos por uma inocência, hoje, sem recorte. Dentro da casa, a família afadigava-se na contemplação da fuga através de um belo exercício de ânimo, festa e recusa, reconheço-o. Escutei um silvo e depois outro. Um bocado de estuque sobre a cabeça e alguém haveria de vir em meu socorro do vazio da casa que era como um saco sem fundo e sem propósito. «Uma bala perdida» e eu perdido para a vida, ou quase, por centímetros poucos e distrações cortezas e felinas.